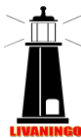


Da Estufa à autonomia: Mulheres de Maratane cultivam independência e paz



Num contexto de desafios como o acesso limitado a recursos e oportunidades de emprego, um projecto inovador está a florescer no campo de refugiados de Maratane, um dos maiores de Moçambique. Aqui, a organização Livaningo, em parceria com o Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), está a semear mais do que legumes: está a cultivar a independência financeira e a esperança de um grupo de dez mulheres – cinco moçambicanas e cinco refugiadas.

A iniciativa centra-se na gestão de uma estufa para produção de hortícolas (espinafre, repolho, couve, cenoura e beringela), através da qual as mulheres receberam formação em agricultura orgânica. O projecto demonstra já uma forte estabilidade na cadeia de produção, com o grupo a estabelecer contactos com mercados locais, aumentando os seus rendimentos e autonomia. O sucesso permitiu-lhes não só responder a necessidades alimentares locais com soluções inteligentes e inclusivas, como também diversificar actividades. Das hortas nasceu um novo negócio: a criação e venda de frango de corte, com um lote inicial de 300 pintos.



A estratégia de comercialização também se expandiu, passando pela participação em feiras promovidas por parceiros e instituições governamentais na cidade de Nampula, ampliando o alcance dos seus produtos.

Os testemunhos das beneficiárias ilustram o impacto transformador do projecto. Faída Jeanne, refugiada congoleza de 34 anos, mãe de seis filhos e duas crianças adoptadas, partilha a sua experiência: "Estou muito grata pela iniciativa. Agora tenho uma ocupação quase todos os dias e tenho rendimentos. Produzir na estufa oferece-nos muitos benefícios. As culturas estão livres de doenças e conseguimos gerir a água, que antes era um grande desafio. Consigo alimentar os meus filhos, comprar materiais escolares e estou a construir minha casa aos poucos."

Já Anatércia Nampape, moçambicana de 25 anos e mãe de duas filhas, relata os progressos alcançados: "Consegui comprar materiais domésticos como pratos, copos e panelas. Também criei o meu próprio negócio de venda de pastéis e bolinhos nas escolas primárias. Agora posso fornecer materiais escolares às minhas irmãs. Algumas das culturas que produzimos, como couve, tomate e folhas de batata-doce, também fazem parte da nossa alimentação."

Em geral a comunidade aplaude pela disponibilidade de alimentos frescos, preços mais acessíveis, entretanto, isso se torna como inspiração para outras mulheres.

Em suma, a gratidão pelo empoderamento económico criado pela produção em estufa vai além do aumento de rendimento e ocupação. Esta iniciativa revela-se um motor tangível de paz e desenvolvimento local, promovendo a sustentabilidade e a segurança alimentar, e demonstrando como o investimento na autonomia das mulheres pode colher frutos para toda a comunidade.